5ª EDIÇÃO | SETEMBRO`24

FADISTA

www.fadocale.pt

CAMANÉ
Entrevista de carreira

APAF
Estórias para a História

CASA DE FADOS

FADO AO CARMO

FUNDAÇÃO

AMÁLIA RODRIGUES
25 Anos

FESTIVAIS

CAIXA ALFAMA
27 e 28 de Setembro

AMÁLIA RODRIGUES
18, 19 e 20 de Outubro

FOTOGRAFIA : Kenton Thatcher

FACALE DO

JORNAL DO FUNDÃO

Esta revista é parte integrante da edição de 19 de Setembro de 2024 do **Jornal do Fundão** e não pode ser vendida separadamente.

fundão
365 dias à descoberta

United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

CASAS E LUGARES DO SENTIR
FUNDÃO

CASA DO BARRO _ TELHADO
CASA - MUSEU D. ILDA VALENTIM _ SILVARES
CASA DAS TECEDEIRAS _ JANEIRO DE CIMA
CASAS DOS OFÍCIOS _ SOUTO DA CASA
CASA DAS MEMÓRIAS DE ANTÓNIO GUTERRES _ DONAS
CASA DA POESIA DE EUGÉNIO DE ANDRADE _ PÓVOA DE ATALAIA
CASA DA ROMARIA DE SANTA LUZIA _ CASTELEJO
CASA DO MEL _ BOGAS DE CIMA
CASA DO BOMBO _ LAVACOLHOS
CASA DA PASTORÍCIA _ SALGUEIRO – TRÊS POVOS
CASA DA CEREJA _ ALCONGOSTA
CASA DO BARQUEIRO _ JANEIRO DE CIMA
CASA DO QUEIJO _ ORCA

CENTRO **UNESCO**

www.visitfundao.pt

www.cm-fundao.pt

"O Fado não se ensina, não se aprende,
É uma espécie de duende,
Que domina a nossa alma,
Que invade a nossa calma,
E que mesmo esquecido,
Vive num canto escondido,
À espera da sua hora.

O Fado é a côr do sentimento
Pode ser dor e lamento,
Mas também é alegria,
É paixão e fantasia,
É aquilo que nós somos,
Nossas vidas, nossos sonhos,
O que eu fui e o que fizermos.

Quem vê o Fado como coisa do passado,
Não entende que esse Fado é o agora do futuro, E até o traz na alma quem não quer,
Não se manda no querer, nem se é dono da paixão!"

É com estes versos de Fernando Girão, que gostaria de começar o pequeno texto que aqui partilho convosco. Falar sobre o Fado parece tão fácil, mas é tão difícil...mesmo para quem o "vive" intensamente há trinta anos.
Nestes versos considero que encontramos uma das mais belas descrições do que é o Fado, da sua magia, sempre antiga, sempre nova, sempre única, que desperta paixão e que encanta à primeira audição seja quem for, de que idade for, de que nacionalidade for, como tantas vezes o sentimos nas casas de Fado, ou nos palcos dentro ou "fora de portas", enfim, por esse mundo fora. Há quem o sinta desde criança, outros que fingem não sentir por preconceito ou despeito, outros que só descobrem o quanto o sentem e vibram ao escutar porque estão longe e porque a saudade lhes fez despertar esse amor!
Somos um povo muito privilegiado por sermos agraciados com uma tradição oral e imaterial como é o Fado! Tão simples e ao mesmo tempo tão "rico" na sua essência! E neste privilégio temos igualmente muita responsabilidade por fazer chegar o Fado aos mais jovens, por tratar com muito respeito todo o legado que nos foi deixado!
Ao mesmo tempo, como é fantástico ver como o Fado tem sempre capacidade de se renovar, reinventar, de acompanhar o tempo e a sociedade, de se deixar fundir em tantas experiências, e conseguir vir sempre ao de cima "como o azeite", porque é tão puro e tão verdadeiro, que só com os privilegiados pelo seu "duende", conseguem que tudo seja Fado mesmo nas experiências mais distantes que possam explorar!

Essência, Verdade, palavras-chave no Fado! E partilho aqui também um pensamento para todos os jovens aprendizes deste maravilhoso "ofício" de cantar o Fado, a todos os que descobrem o seu amor ao Fado, a sua essência fadista, mais que a voz, a boa voz que possam ter, maior deve ser a concentração em conhecer a essência, a História e as histórias do Fado, conhecer as raízes, "beber" os conhecimentos apreendidos nas casas de Fado ou nas tertúlias, a verdadeira "escola", muito mais do que aprender apenas com gravações dos discos ou com os vídeos do YouTube, tendo como preocupação aprender bem as melodias dos fados tradicionais e dos outros fados para depois encontrar o seu "estilar", aprofundar a contenção em vez do "fogo de artifício", procurar encontrar o verdadeiro sentido da palavra e da história que se está a contar, procurar o seu próprio repertório, e desviar desde cedo a tendência de imitar as suas referências, tudo com o objetivo de encontrar o seu cunho pessoal, a sua

por Joana Amendoeira

própria voz e o canto da sua alma, a sua própria Verdade!
E temos melhor professor vivo do que o que aqui encontramos nesta mesma capa da "Fadista"? Camané!
Aproveito para aqui expressar a minha admiração profunda, o meu Amor fadista a esta grande referência, Camané, que para mim é desde criança um dos meus mais queridos "professores", uma vez que devotamente me considero uma das suas maiores fãs, ouvindo milhões de vezes os seus discos, os seus concertos e nalguns momentos de sorte, algumas das suas aparições em casas de Fado!
Obrigada, querido Camané pelo Fado que és, por toda a entrega, pureza e verdade, e pelo tanto que nos dás e nos ensinas! Sempre!
E assim termino esta partilha de pensamentos, algo dispersos, que acima de tudo gostaria de partilhar com os mais jovens, com mais alguns maravilhosos versos cantados pelo Camané, os versos finais do Fado da Tristeza, da magnífica Manuela de Freitas, que tão bem resume o maior ensinamento a todos que descobrem a sua paixão e fazem do canto a sua expressão! Eu procuro nunca me esquecer, sempre que fecho os olhos e canto:

"Canta da cabeça aos pés,
Canta com aquilo que és,
Só podes dar o que é teu!"

Fado da Tristeza, Manuela de Freitas

FICHA TÉCNICA

Edição: Fado Cale e Jornal do Fundão
Diretor Jornal do Fundão: Nuno Francisco
Coordenação: Leonel Barata e Diogo Pinto
Design e paginação: Francisca Aranda e Diogo Pinto | Editor: Rui Pelejão
Textos e Revisão: Joana Amendoeira, Leonel Barata, Teresa Fonseca, Rodrigo Costa Félix, Tiago Correia, Pedro Silveira e Rui Pelejão. Secção de Coimbra: João Carlos Oliveira convida Manuel Fernando Marques Inácio
Tiragem: 8000 exemplares | Impressão: Grafisol | Encarte comercial com Jornal do Fundão
Contactos: Jornal do Fundão | Rua dos Restauradores, L. 14, Loja 1 r/c, 6230-496 Fundão
Telefone: 275 779 350 | Email: redaccao@jornaldofundao.pt | www.jornaldofundao.pt

ÍNDICE

Entrevista Camané 04
Artigo Fundação Amália 10
Fado ao Carmo 12
APAF 14
Artigo Em Casa D'Amália 18
Ah Amália – Immersive Experience 19
Artigo Coimbra 20
Festival Amália 23

Camané entrevista de carreira

por Associação Fado Cale

Bem-haja Camané, por ter aceite o convite para esta entrevista e pela disponibilidade.

Tendo em conta a história de família, desde o bisavô José Júlio Paiva, ao avô e pais que trauteavam uns fados por casa e do espólio de vinis de fado que tinham, foi fácil entender e aprender a gostar de fado?

Não foi muito fácil, comecei a ouvir fado com 7 anos, quando estive doente em casa durante um mês e fui ouvindo os discos que tínhamos, dois discos dos Beatles, um disco do Frank Sinatra e outro do Charles Aznavour, que ouvi compulsivamente até que passei para outras músicas, e realmente o que havia lá em casa eram maioritariamente discos vinis de fado. Ao início soou muito estranho, depois comecei a interiorizar e a perceber a lógica dos fados tradicionais, e a decorar as músicas.

O seu pai tinha um bom entendimento sobre essas questões, de composições e de estruturas métricas?

Sim, ele sabia muito sobre fado e frequentava muitas coletividades, onde estavam normalmente os poetas populares que escreviam, quadras, quintilhas, sextilhas, decassílabos para fados tradicionais, e que na altura escreveram também para mim, com 8/9 anos, com letras adaptadas à minha idade. Existiam várias versões, por exemplo do Fado Cravo, cantado pelo Marceneiro, pela Amália, outro do Carlos do Carmo, vários fadistas, todas com letras diferentes.

O poema Triste Sorte de João Ferreira Rosa é o seu favorito?

Sim, para cantar é o que eu gosto mais. Talvez um dia mais tarde vá buscar umas sextilhas novas.

O próprio Marceneiro, quando fez o Fado Cravo, fez com uma letra e passados uns anos cantou com outra. Ou seja, cantou outra história. É incrível o que o fado tradicional permite fazer. Depois, também depende do registo emocional de cada poema, da narrativa que se vai contar. A música adapta-se a essa dimensão poética.

Eu cantava aqueles fados tradicionais, como o Rosita, e aqui nesta fotografia, o Rodrigo e o António Chainho, que produziu um disco meu aos 13 anos. Eu ia muito aos fados, ao *Picadeiro* a Cascais, onde estava sempre o António Chainho, ia ao Forte *Dom Rodrigo* também, ouvia muito o Rodrigo, *na altura estavam lá grandes fadistas, o Manuel de Almeida, a Maria Armanda, ia também ao Arreda, onde tocava o José Pracana, de vez em quando encontrava o Alfredo Marceneiro, eram noites fantásticas. Essas pessoas que eu ouvia nos discos de fado encontrava-as nas casas de fados, como a Amália Rodrigues.*

Havia uma proximidade muito grande nessa altura, havia muitas casas de fado em Cascais. Às vezes, ao fim de semana, ia com os meus pais à praia durante o dia, e depois à noite íamos todos aos fados, era fantástico. Foi a minha escola, foi a forma de eu aprender, de ter as minhas experiências.

Segundo os registos, a Ada de Castro foi a primeira fadista que ouviu quase em formato de espetáculo, numa casa de fados, que experiência recorda?

Sim, foi a primeira vez que ouvi uma fadista cantar tantos fados seguidos, talvez uns 15, fiquei admiradíssimo, cantou mais de uma hora, foi uma noite incrível. Foi no *Copos Bar* em Cascais, "foi uma noite do outro mundo".

Depois foi com ela à Alemanha com 10 anos, foi um convite?

Sim, foi. Tinha 10 anos e a convite do Cônsul que frequentava o *Copos Bar* fomos a Colónia fazer um espetáculo, foi uma experiência fantástica. Foi a primeira vez que andei de avião, o meu pai também foi e ficámos em casa do Cônsul, penso que em Düsseldorf, e depois fomos para Colónia, onde foi o concerto. Era um espetáculo para emigrantes, foi uma sensação muito engraçada, fui muito bem tratado. As pessoas percebiam que eu não era um profissional, apenas que estava ligado já aos fados com aquela idade.

Em 1979 o seu repertório já somava 15 canções originais e entre os 12 e os 14 anos já gravara 4 singles e um LP. Como é que surgem estas gravações?

Foi uma ideia das editoras, que me convidaram para fazer um disco, e eu e o meu pai achámos graça. Foi uma experiência, que acabou por ficar registada. São discos que têm a ver com alguém que estava em fase de aprendizagem. Os meus discos a sério começaram realmente na fase adulta em que eu faço o primeiro disco na EMI, que agora é a Warner.

Quando regressa aos fados em 1985, depois de cumprido o serviço militar, fixa-se no *Fado Menor*, foi a convite do Alcino Frazão?

Foi, ele e o Carlos Zel. Nessa altura ainda estava na dúvida se voltava a cantar outra vez. Estava a estudar e também a fazer outras coisas, e houve a transição de voz, e não tinha ainda a certeza.

Sentir esse convite e apoio foi determinante para continuar?

Sim, depois nessa fase em que eu vou

para o *Fado Menor*, *cruzo-me com muita gente, como o José Fontes Rocha, o Paquito, onde aprendi muito. E eu escutava toda a gente, o que é que tinham para me dizer. Aprendi com todos. E havia uma grande disponibilidade. As noites eram muito longas, acabavam sempre muito tarde. Era espécies de tertúlias onde todos se encontraram a partir das 2/3h da manhã até às 6h. Tocávamos e cantávamos uns para os outros.* Era fantástico.

Esteve também no *Forcado*, no *Senhor Vinho*, e a partir 1997/98, com os espetáculos deixou naturalmente de frequentar da mesma forma as casas de fado. Não há muito tempo, numa entrevista, a Maria da Fé disse: "quando quisesse voltar, que a casa estava disponível". Pensa voltar às casas de fado?

Já aconteceu ir a uma casa de fados e cantar, e acho que consegui de alguma forma transmitir aquilo que aprendi. Foi a minha escola, foram muitos anos a cantar em casas de fado, e devo-lhes muito dessa aprendizagem, que depois transportei para os palcos. No entanto não me imagino a ir para uma casa de fados cantar todas as noites.

Considera que nessa aprendizagem que teve com toda a gente, também a Amália e o Carlos do Carmo foram importantes na condução do caminho artístico certo?

Sim, lembro-me de ir ao *Faia* com 10 anos e o Carlos do Carmo receber-me muito bem e estar presente ao longo de todo o meu percurso. A Amália foi quem de alguma forma me indicou, conta David Ferreira. Houve um telefonema de Amália a falar de mim e passados 3 ou 4 dias surge um convite para eu gravar o primeiro disco na EMI/Warner. Portanto, foram pessoas que me apoiaram. O Carlos claro, foi meu amigo também, a vida toda.

Já gravou "Camané, Canta Marceneiro", é um fadista especial para si?

Sim, para além da voz, a música principalmente e a forma de cantar o repertório que escolhia.

Conheceu-o?

Muito pouco. Houve uma vez que eu entrei no *Arreda*, tinha uns 10 anos, tive vergonha de falar e fugi dele. Sentei-me numa mesa em que estavam a Amália, o Carlos Conde, o Júlio Vieitas e uma série de gente. Cumprimentei a Amália, ela, como eu era uma criança, foi muito simpática. Eu acho que ela sabia que eu cantava. Isto é, eu é que sabia que ela cantava, não me interessava que ela soubesse, interessava era que eu fiquei ao pé dela, deu-me um beijinho e tudo. Mas do Marceneiro tive vergonha. Uns tempos mais tarde encontrei-o à porta da *Adega Mesquita*, naquelas matinés de fado, finais de tarde, vinha acompanhado e apresentaram-mo. É uma das pessoas mais incríveis do fado.

Falando em matinés, as tardes no *Teatro* ›

da Comuna, **com a Aldina Duarte, foram também muito importantes na sua formação musical de fado?**
Sim. Foi numa altura em que havia uns domingos de pausa no teatro, e o João Mota e a Aldina Duarte decidiram organizar uns finais de tarde de fado, foi fantástico porque as pessoas que iam assistir, normalmente não iam às casas de fado. Foi também uma grande descoberta, dessa geração mais nova, era uma época em que o fado não estava tão na moda como hoje. Eu sou daqueles miúdos que, apesar de nunca ter utilizado essa expressão, sofreu de algum bullying, por ser fadista, em vários aspetos. *Eu sabia que havia dois lados do fado, um lado cheio de bom gosto, de expressão, com uma estética incrível e musicalmente fantástica. Mas as pessoas não sabiam, porque era um meio fechado, e existiam fadistas muito populares, como Carlos do Carmo, a Amália Rodrigues, mas por outro também existia um certo preconceito, por questões políticas injustas, de alguma forma. Havia pessoas de todos os meios, porque o fado era uma música de todos.*

A Aldina Duarte teve um papel importante também nesse caminho?
Sim. No início do meu percurso, ela ajudou-me muito nos primeiros discos que eu gravei na EMI/Warner, na escolha de reportório e inclusive na escrita de alguns fados.

Foi nessas tardes no *Teatro da Comuna* que conheceu também o José Mário Branco e a Manuela de Freitas?
A Manuela já conhecia, porque ia ouvir-me cantar no *Faia*, entrava só na altura em que eu ia cantar. Sentava-se sempre numa mesa, que entrando na porta do lado direito, ficava em cima de uma escada, nunca mais me esqueço. O José Mário começou a ir depois.
Quatro ou cinco anos antes da fase do *Teatro da Comuna*, uma vez ao sair do *Faia*, desci a rua da Barroca e na rua Diário de Notícias iam a descer o José Mário e o Carlos do Carmo, que me o apresentou. O José Mário estava a fazer um espetáculo com o Carlos do Carmo na altura, no Teatro São Luiz, que eu por acaso tinha ido ver no dia anterior, foi engraçado. Mais tarde, eu ainda não tinha editora, falei com o José Mário, depois de ele já ter ido algumas tardes ao *Teatro da Comuna* assistir aos nossos espetáculos, e falei com ele para saber se queria produzir um disco comigo e ele aceitou, foi fantástico da parte dele. *O José Mário foi uma das pessoas mais incríveis, porque não sendo do fado, queria que o fado fosse aquilo que realmente era. Ele tinha uma ligação ao fado que não era muito normal para uma pessoa de outras áreas. E teve tempo. Porque havia pessoas que não tiveram esse tempo, mas ele teve, para conseguir gostar do fado, apaixonar-se por ele, percebê-lo, senti-lo, conhecer a estética, uma série de coisas. Ele fez reconstruções incríveis de alguns fados tradicionais, com arranjos extraordinários, nunca saindo daquele ambiente.*

O facto de tocar há alguns anos com os mesmos músicos, José Manuel Neto, Carlos Manuel Proença, Paulo Paz ou Carlos Bica, também contribui para um repertório tão próprio?
Sim, aliás os arranjos do José Mário tinham sempre em conta a participação de todos, era um trabalho que se ia reconstruindo, modificando, na procura do melhor.

Como é que surge a introdução do Contrabaixo?
Foi ideia do José Mário, foi uma solução, por falta de baixista. O José Mário lembrou-se do Carlos Bica, que já tinha participado no espetáculo do Carlos do Carmo uns dois ou três anos antes, que ele tinha dirigido. A ideia da utilização do contrabaixo acabou por ficar permanente. O Carlos Bica vivia em Berlim e fazia os concertos que tínhamos no norte da Europa, na Holanda, na Alemanha, e algumas tournées. Em Portugal, era o Paulo Paz.

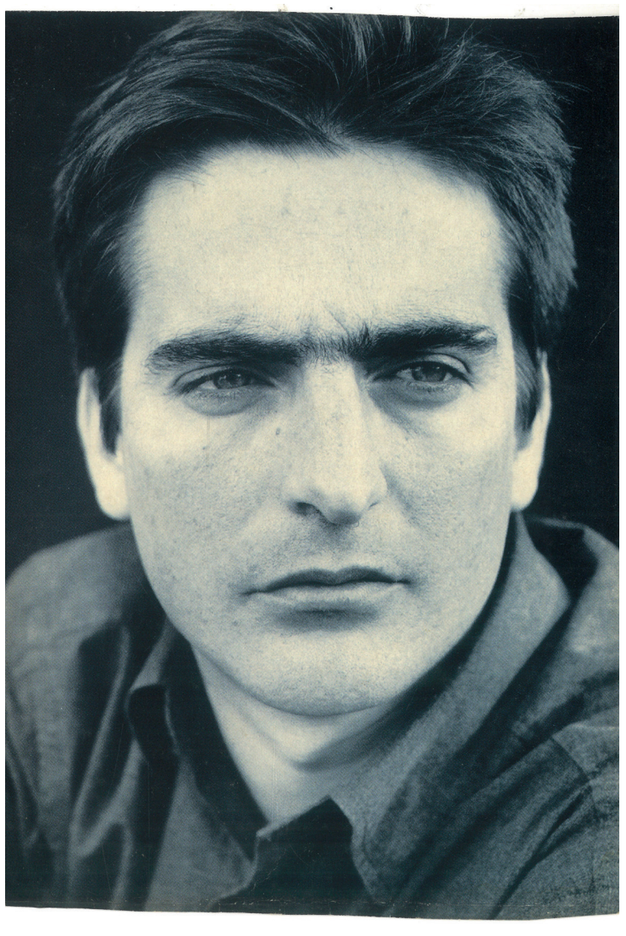
Voltando atrás, que experiências destaca com a participação no teatro, sendo uma envolvente tão diferente das casas de fado?
Houve um primeiro convite na "Grande Noite" do Filipe La Féria, em que participei nalguns programas de televisão e depois houve o convite para fazer a peça de teatro "Maldita Cocaína" que durou um ano. Não é bem a minha forma de estar na música, mas foi importante para mim, porque eu estava habituado de facto a cantar nas casas de fado, com menos pessoas. Tive de aprender muita coisa. Ajudou-me a enfrentar alguns medos. Foi uma experiência muito boa, conheci muita gente, mas depois regressei às casas de fado. Voltei a tentar encontrar o repertório certo para começar a gravar o primeiro disco a sério.

Recordações sobre o primeiro concerto a solo, no Teatro da Trindade?
Acabou por ser uma pequena tournée, com estreia no Teatro da Trindade, que estava cheio, uma ida a Vigo, Espanha, ao ar livre, também com boa adesão, e no Teatro Carlos Alberto no Porto, que só havia talvez perto de 70 pessoas, foi normal, estava mesmo no início.

Dos registos, entre EP´s, Singles e Álbuns, contabilizam-se pelo menos 21 discos produzidos? Já tem previsto um novo trabalho?
Não sei ainda. Está previsto começar a trabalhar, começar a pensar. Mas ainda não teve início. Tenho pensado nisso, tenho pensado com quem vou falar, com uma série de pessoas que eu gostava que fizessem parte.

Como é cantar acompanhado de orquestras?
É fantástico. Já estive com a orquestra do Metropolitano e com várias orquestras em Portugal. O José Mário, o Bernardo Moreira, o Pedro Moreira e uma série de pessoas que participaram em trabalhos meus, foram fazendo arranjos de orquestra, porque de vez em quando surgem convites. Também já estive com uma filarmónica de miúdos no norte, com arranjos em 4 ou 5 fados, foi uma experiência ótima. A ideia, com os arranjos, é que se torne musicalmente em fado, mas com mais instrumentos. Há tempos, com a Orquestra Sinfónica de Viena, no Musikverein, o maestro percebeu o swing do fado e tocou incrivelmente os fados tradicionais. Também com a Orquestra Chinesa de Macau, no Centro Cultural de Macau, com instrumentos completamente diferentes, mas com uma sonoridade fascinante, e tudo aquilo funcionou, o fado Bailado entre outros tradicionais.

Esperava cantar um dia poemas nas composições musicais do seu bisavô?
Não, eu sabia muito pouco sobre o meu bisavô. Não o conheci pessoalmente. Foi muito gratificante poder fazê-lo. É com um poema do Fernando Pessoa "Aqui está-se sossegado" e o "Conta e tempo" de Frei António das Chagas, um poeta muito antigo. O "Aqui está-se sossegado", foi uma ideia do José Mário, que depois deu título ao disco com o Mário Laginha também, mas a ideia antecede este disco.



O meu bisavô vem da Murtosa para Lisboa e ainda tinha aquela influência do fado de Coimbra, quando fez essa música. O "Conta e tempo" foi o primeiro alexandrino ou decassílabo que se fez no fado. O Marceneiro fez muitos a seguir, mas o meu bisavô esteve nessa criação. Fez muito poucos, teve uma carreira curta, porque se dedicava a várias coisas.

Já teve outras experiências no campo musical, em projetos como o "Humanos" ou participações como o tema "Fotos de Fogo", "Xutos e Pontapés "," Rodrigo Leão", entre outros. Gosta desses registos?
Gosto de participar, porque são projetos pontuais. No "Fotos de Fogo", juntar-me ao Carlos do Carmo com o Sérgio Godinho e o Ricardo Rocha foi uma experiência extraordinária, o tema é lindíssimo. No projeto dos "Humanos", fizemos apenas a gravação de um disco e 3 concertos, todos nós tínhamos projetos pessoais, a Manuela Azevedo, eu e o David Fonseca. Eram temas inéditos do António Variações, foi também uma experiência muito enriquecedora. Com os "Xutos e Pontapés", estava num espetáculo no CCB, no camarim com o José Manuel Neto e ele começou a tocar o "Circo de Feras" na guitarra portuguesa e eu a cantar, mas com a entrada do Fado Menor, e o Tim achou imensa graça. Achou tanta graça que passado uns dias convidou-me para participar num espetáculo deles.

Ainda no campo das experiências, qual foi a sensação no papel de ator, no filme "Operação de Outono"?
Também foi engraçado. Tive sempre a sorte de ser dirigido, eu não sou ator. De vez em quando convidam-me para fazer umas coisas, não é uma área que eu queira seguir, ainda por cima com tantos bons atores que temos em Portugal. Agora a cantar, fica bem, quando é preciso alguém para cantar num filme.

As seguintes frases são citadas pelo Camané. Comentários?
"A exibição faz-nos sair do lado interpretativo, perdendo o lado espontâneo e a verdade."
Cantar não é nenhuma exibição. Nós temos de perder tudo o que temos e contar a história. Primeiro está história, está o texto e a música e nós estamos depois. Se nos começamos a exibir perde-se tudo.

"O fado não se renova de fora para dentro, ›

mas de dentro para fora."
Quem o tem dentro de si, quem tem essa característica é que consegue renová-lo. Consegue manter a estética e fazer novas letras, cantar novas coisas, fazer novos arranjos.

"Um fadista é um corredor de maratonas"
Sim, também é. O fadista não muda nada. O fado é para a vida, não temos que andar à procura do sucesso rápido. Um dia lá chegaremos e vamos lá ver se chegamos, não é! Portanto, não mudamos nada em prol nem do dinheiro nem do sucesso. Importante, é acreditar no que fazemos.

"Ir para o palco como se fosse o último espetáculo."
Não devia ser, mas às vezes é. É uma sensação, uma coisa que cria um estado de nervos e de medo que às vezes é um pouco exagerado, quer dizer, é sem querer. Também não somos de ferro e às vezes é excessivo, mas depois passa quando se entra no palco.

"A Amália salva-nos a todos hoje".
Ela teve várias fases. É uma carreira muito longa, ela é uma daquelas pessoas muito raras. E realmente deu vários exemplos na vida e na forma diferenciada como esteve ligada ao fado, sobretudo do ponto de vista da questão do contraponto musical face à poesia. De facto, a partir dela, o fado é isso, cantar os poetas. Ela salvou neste sentido, permitiu uma abertura diferente, para melhor.

"O fado é para fazer pensar-refletir, são sentimentos"
Sim, é um estado de reflexão, como acontece com os tangos na Argentina, os blues nos Estados Unidos. O fado é também essa nossa forma de expressão, dos sentimentos da alma. Temos essa sorte, em ter o fado.

"A música ultrapassa a barreira da língua".
É mágico. Nem eu sei explicar como é que é possível. Ainda há dias estava a fazer um concerto em Praga ao ar livre, num festival de jazz, enfim, a fechar um festival de jazz, ainda por cima fado não é jazz, é fado, e de repente, atuei durante hora e meia e criou-se um silêncio incrível. Isto é um exemplo. Também aconteceu há pouco tempo num espetáculo em Macau, acontece em todo o lado, é fado. Quando era miúdo e ouvia os Beatles, o Frank Sinatra e Charles Aznavour, também não percebia nada do que estava a ouvir e emocionava-me. Ainda hoje. Há tempos numa viagem de carro em Los Angeles, ouvia Beach Boys e a música tinha a ver com aquela paisagem, fazia tudo sentido, tal como em Inglaterra com os Beatles.

Para terminar, tem noção da importância do seu papel naquele que é o processo da história do próprio fado, de tudo o que já deu ao fado?
Eu acho que dou o melhor que posso. Tento de alguma maneira ser o mais honesto e também mostrar a gratidão que tenho por estar nesta música. Agora noção disso, não tenho.

Obrigado Camané uma vez mais pela entrevista, e agradecer também por isso mesmo, por tudo o que nos dá a nós e ao fado.

Caixa Alfama
27 E 28 SETEMBRO 2024
CAMANÉ
CARMINHO E ANTÓNIO ZAMBUJO
"EM CASA D'AMÁLIA" AO VIVO
HOMENAGEM A FERNANDO MAURÍCIO
POR JORGE FERNANDO E CONVIDADOS
MARCO RODRIGUES
MARINA MOTA
RICARDO RIBEIRO
ANA SOFIA VARELA · ANTÓNIO PINTO BASTO 50 ANOS DE CARREIRA
BUBA ESPINHO · JOSÉ GEADAS · JOSÉ GONÇALEZ
LENITA GENTIL · NUNO GUERREIRO
PAULO BRAGANÇA · TÂNIA OLEIRO
ANDRÉ DIAS, FLÁVIO CARDOSO JR, TIAGO MAIA: "EM CASA D'AMÁLIA" AO VIVO
ANA MARQUES · ANA LOPES · ANA MARGARIDA PRADO · ANA RITA PRADA
ANTÓNIO VASCO MORAES · CAROLINA VARELA RIBEIRO · CÉLIA LEIRIA
DAVID GONÇALVES, ANA MAURÍCIO E VITOR MIRANDA · DIOGO FERREIRA
EDUARDO ALMEIDA E ANA MARTA · FERNANDA SANTOS E LINO LOBÃO
FLÁVIA PEREIRA · FRANCISCO MOREIRA, MIGUEL MOURA E RODRIGO LOURENÇO:
FERNANDO MAURÍCIO PELAS NOVAS GERAÇÕES
LARA RODRIGUES · LEONEL BARATA · MARTA ALVES · MIGUEL RAMOS
NATALINO JESUS · PEDRO CALADO · PEDRO GALVEIAS, CÁTIA MIRANDA E JAIME DIAS
RUI COSTA E CAROLINA GOMES · SÉRGIO ONZE · SILVINO SARDO
TERESA BRUM CONV. GONÇALO CASTELBRANCO
E RODRIGO REBELO DE ANDRADE
TOMÁS MARQUES
CASAS DE FADO DE ALFAMA · JORGE SILVA, JOSÉ MANUEL RODRIGUES
E MIGUEL MONTEIRO: FADO À JANELA
NAMING SPONSOR
PATROCINADOR OFICIAL
APOIOS INSTITUCIONAIS
SPONSORS
MEDIA PARTNERS
PARCEIROS
PROMOTOR

Canção de Coimbra.
A poética, a música e o canto

Nesta breve abordagem sobre a Canção de Coimbra, iremos referir o que se entende por este género musical, bem como as suas origens e a sua evolução sucinta até à situação atual. É essencial um estudo sobre a sua poética, poesia e letras, as músicas das composições, os instrumentos e os seus intervenientes. Os investigadores que se debruçam sobre o tema, são praticamente unânimes em que as origens da Canção de Coimbra, na sua definição e desenvolvimento, resultam da contribuição do povo e dos estudantes e situa-se de uma forma mais consistente a partir da segunda metade do século XIX. Essa afirmação faz todo o sentido no período de um Romantismo a caminhar para situações mais exageradas de finais do século. Corresponde a um período de paz no país e de uma certa acalmia em termos políticos e sociais, com a afirmação da Regeneração de 1851. Os tempos anteriores desde o início do século, foram-no de guerras, da Restauração, invasões napoleónicas, guerra civil entre liberais e absolutistas de 1832 a 1834, que só termina com a Convenção de Évora Monte a 26 de Maio de 1834. Ainda dessas datas, a guerra civil de Maria da Fonte em 1946, da Patuleia em fins deste ano e no ano seguinte. Aos quais se acrescentam, as dificuldades sociais, o analfabetismo, a pobreza e a saúde precária das populações. Na viragem do século chegam-nos os primeiros movimentos modernistas, com uma primeira afirmação nos anos 20 e 30 do século XX. Segue-se um período de alguma estagnação nos anos 40 e retomamos um modernismo a que se chamou segundo, nos anos 50 do século passado. Depois virão os períodos de contestação política e social nos anos 60, que desaguam num período de alguma canção de intervenção e contestação. Esta luta que se prolongará, entre nós, numa luta constante contra a ditadura, a falta de liberdade, a guerra colonial e a repressão, situação que só será ultrapassada no 25/04/1974. *A canção de Coimbra foi-se adaptando a estas dinâmicas com períodos de maior luta contra o sistema ditatorial, outros com algum conservadorismo, tudo fruto da realidade social e política da altura.* Alguns intervenientes sobressaem e se afirmam durante estes vários períodos, não só na escrita, como na música e no canto. Em todas estas situações, o povo de Coimbra e a Universidade foram sempre determinantes. A este género musical, inicialmente chamado de "Fado de Coimbra" desde os seus primórdios no século XIX, outras composições se vieram juntar, algo diferentes, as trovas e baladas, que hoje são estudados como subgéneros da Canção de Coimbra, ainda antes já se afirmavam canções das fogueiras e outras canções populares, também subgéneros.

A expressão e o género Canção de Coimbra, viria a ser reconhecida pela UNESCO em 2013, quando integraram a lista de Património Mundial da Humanidade conjuntamente com a Universidade de Coimbra, a Alta e a rua da Sofia, na Baixa. Esta temática tem vindo a dar origem, durante décadas, a um debate entre os que concordam e os que discordam com o chamar-se Canção de Coimbra. Alguns defendem, em alternativa, a continuação do chamado Fado de Coimbra, que na realidade, como Fado, nunca existiu. Também desde que se conheça a génese e evolução deste género, a compreensão deste fenómeno não traz dificuldades significativas. Também ainda hoje, talvez por menor conhecimento da situação, este debate continua na ordem do dia. Outros alimentam o debate relativo ao cantar Coimbra no feminino. Se a mulher pode ou não cantar a Canção de Coimbra. Sobre esta última situação, o debate continua. A não aceitação por alguns, de que a mulher do povo de Coimbra ou uma jovem estudante de Coimbra possam cantar Coimbra, é algo compreensível face à génese deste género musical, apoiado sobretudo no canto de serenatas e na subestimação da mulher no canto e nas récitas do século XIX e no papel do homem em todo este processo. Mas, esta questão tem de ser vista com um olhar atual. É que no passado, no século XIX, com dificuldade, as mulheres conseguiram progressivamente fazer a sua afirmação no teatro, na ópera, nas récitas, num mundo sobretudo masculino. *Os tempos de hoje são outros. Nesses tempos do século XIX, também não havia raparigas na Universidade, salvo nos últimos anos da centúria, mas as tricanas e mulheres de Coimbra e arredores já cantavam a Canção de Coimbra.* Basta um olhar pelos trabalhos do Grupo Etnográfico de Coimbra. A Canção de Coimbra no feminino faz todo o sentido, desde que o façam com qualidade e que saibam cantar no estilo de Coimbra. A realidade é diferente do que era há décadas. As raparigas, são hoje muito mais do que os rapazes na Universidade e têm todas as condições para poder cantar desde que gostem, sejam criativas e inovadoras, e o saibam fazer. Assistimos a mais um debate que em nosso entender não tem grandes razões de existir.

Existem outras realidades hoje, que há pouco tempo atrás estavam ou pareciam estar perfeitamente esclarecidas, como por exemplo, cantar composições alterando as suas melodias e harmonias e às vezes as letras. Respeitava-se o trabalho já realizado, totalmente no que se refere às músicas, existindo aqui e ali alguma alteração a letras, perfeitamente assumidas e explicadas. Também existe a introdução de instrumentos, para além da guitarra e da viola, que exceptuando o violino e o violoncelo, não fazem muito sentido. Há pessoas que o defendem, afirmando que estamos num determinado rumo de modernidade e inovação.

A adulteração da música de Coimbra, em roupagens diferentes, deve observar a necessidade de preservar a qualidade, a realidade e a autenticidade. Para esta situação de preservação qualitativa do género musical Canção de Coimbra, urge uma atenção suplementar para a qual tanto a Universidade como a Câmara Municipal de Coimbra têm tido imensas fragilidades na abordagem desta temática. No que respeita aos instrumentos, a guitarra de Coimbra e a viola de acompanhamento, hoje muito designada por guitarra acústica, são o cerne, o essencial na estrutura melódica e harmónica da canção. Vieram a seguir ao acompanhamento ao piano. Também como se sabe, de início, não se consideravam primeiro e segunda guitarra, as duas violas vieram a seguir, mas hoje ou melhor há várias décadas, que esta situação não só é aceite, mas reconhecida e defendida, pela grande maioria dos cultores de Coimbra e dos seus intervenientes. Há experiências muito interessantes com o acompanhamento também do violino, violoncelo e flauta. Não nos vamos alongar sobre a evolução histórica da canção de Coimbra desde a segunda parte do século XIX até aos dias de hoje, porque em artigo anterior publicado nesta revista, tal já foi feito de uma forma sucinta mas elucidativa. Também em artigo anterior, foi abordada a questão da mulher na Canção de Coimbra numa análise muito actual, muito rigorosa e que merece a maior das atenções. Sobre os instrumentos guitarra de Coimbra e guitarra clássica, também aqui foi feita uma abordagem muito muito importante e esclarecedora, sobre um tema determinante. Voltemos pois à poética e ao canto, sendo que na poética deverão ser sempre analisados os aspetos relativos à parte literária, histórica e social, a que se deverá acrescentar a parte musical e depois o canto. Sem recorrer a estudos sobre a matéria, que não existem, a poética é o aspeto da Canção de Coimbra que necessita de maior atenção, quer na escolha de poetas e letristas, quer no aparecimento de novos textos e de novos autores. Quanto à música e ao seu ensino, longe vão os tempos pioneiros dos anos 70 do século XX e das escolas do Chiado e depois da Associação Académica de Coimbra, que culmina, e bem, com o aparecimento da Secção de Fado em 1980 e da sua grande preocupação no ensino dos instrumentos e do canto. Depois e ao longo dos anos, algumas outras Escolas foram aparecendo, sendo hoje uma realidade de nível quantitativo e qualitativo elevado. Sobre o canto e a sua formação, e a relevância do seu ensino, desde o século XIX, a nível do Orfeon e da Tuna Académica da Universidade de Coimbra (TAUC), poderemos dizer que tem sido determinante na formação de cantores. Coimbra, as suas gentes e os seus estudantes, são o centro da questão em relação ao estudo e desenvolvimento destes três aspetos, da poética, da música e do canto. Não deixa de ser importante referir o que tem sido feito noutras Academias, com especial atenção na do Porto, dado ser a mais antiga. Desde os finais do século passado, que acompanha e participa no desenvolvimento e afirmação da Canção de Coimbra, no Porto e norte ainda que com algumas particularidades. Será fundamental também abordar o que tem sido o papel neste domínio dos Grupos de Fados e Guitarradas de Coimbra, de norte a sul do País, na Madeira e Açores. Será um tema interessante para uma próxima abordagem.

> "A expressão e o género Canção de Coimbra, viria a ser reconhecida pela UNESCO em 2013, quando integraram a lista de Património Mundial da Humanidade conjuntamente com a Universidade de Coimbra..."

por Manuel Fernando Marques Inácio

Fado ao Carmo

O AUTÊNTICO FADO DE LISBOA

Sejam Bem-Vindos ao Fado ao Carmo

As melhores noites de Fado junto ao Largo do Carmo!

Pelas mãos dos incontornáveis Luís Guerreiro (guitarrista) e Rodrigo Costa Félix (fadista e produtor), o Fado ao Carmo privilegia a Portugalidade, a genuinidade, a simpatia e o ambiente intimista, com um elenco variado e de irrepreensível qualidade.

A cozinha de excelência, já reconhecida além-fronteiras, do Chef António Saraiva e sua equipa, exclusivamente assente na gastronomia tradicional portuguesa, com um toque de modernidade.
Aqui apenas encontrará produtos portugueses, da comida à bebida! Uma afirmação radical, mas justificada, sendo uma casa que promove a nossa cultura, nas suas diversas vertentes.

Brevemente o Fado ao Carmo irá crescer! Fiquem atentos às novidades!

Fado ao Carmo

O AUTÊNTICO FADO DE LISBOA

Fado ao Carmo

O AUTÊNTICO FADO DE LISBOA

@fadoaocarmo

fadoaocarmo

fadoaocarmo@gmail.com

www.fadoaocarmo.pt

Há 30 anos a APAF - Associação Portuguesa dos Amigos do Fado, ambicionou a criação de um Jornal que pudesse reencontrar as Histórias do Fado contada pelas suas próprias personalidades. Uma publicação que fosse para todos os sócios e não sócios e que também motivasse os leitores às histórias do Fado. A ideia nasceu e foi construída de raiz. E o lançamento da edição n° 0 estava a pronta e prevista para sair a 05 de Março de 1995, meses depois da fundação da Associação. Infelizmente foi um dos poucos sonhos não concretizados e o jornal acabou por não ser publicado.

Nesta 5ª edição da Revista Fadista, com o apoio da Associação Fado Cale disponibiliza-se o respetivo documento histórico/edição nº 0, para celebração dos 30 anos da APAF e do seu contributo histórico para o Fado.

por Tiago Correia

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS AMIGOS DO

FADO

NÚMERO ZERO — 5 DE MARÇO DE 1995

Rui Forjaz

O TROTE DO VINTE-SETE

Abordaram-me recentemente para que eu ensaiasse a publicação de uma folhinha que tivesse empenho em divulgar as intenções da Associação Portuguesa dos Amigos do Fado. É evidente que me senti lisonjeado com tal distinção sabendo que entre os setenta sócios fundadores deste grémio quatro dúzias, pelo menos, apresentariam currículo mais aliciante e favorável aos propósitos.

NESTE NÚMERO

AMÁLIA, O HINO QUE NÃO ESQUECE
de Bernardino Nunes, pág 3

«AS ALPARGATAS DO IMPÉRIO»
de Luis de Castro, centrais

ESTÓRIAS PARA A HISTÓRIA
de Maria Amélia Proença, António Rocha e Rui Forjaz, págs 6 e 7

FADO CUF
de Vítor Duarte, pág 7

«FATUM DA GUITARRA PORTUGUESA»
de José Lúcio, pág 8

Rui Forjaz

O TROTE DOVINTE-SETE

Mas a sugestão de um «boletim» de sigla inerte desmotiva o pouco talento que reúno para o propósito e encurta-me o horizonte que eu desejava dilatado e, com a ajuda de todos poderia ser imenso. Vai daí aventurei uma opinião: - «dar identidade à crónica ligeirinha, assegurar um veículo independente e idóneo à notícia, atribuir responsabilidade de editor ao comentário polémico e à crítica exigente». Enfim, um nome simpático ao opúsculo em trabalhos de parto, um crisma ao recém-acontecido.

E ocorreram-me três ou quatro designações: - «Os Corvos», o «27», o «31» e o «Catrapus». «Catrapus...». - tiro e queda? Não, senhor. Esta era a alcunha de um amador do fado, um expontâneo que rompia onde menos se esperava e tinha que se fazer ouvir à força, insistindo em não desamparar a parelha mesmo quando a malta o apupava. Acontecia que ao segundo fado rasteirinho que o «boca-aberta» despejava para o recinto já a assistência, de conluio, o assobiava para se divertir com a sua reacção prazenteira. Na verdade, ele encaixava a surriada como aplauso, pedia mais um «corrido» ou o «puxavante» no seu «tom» aos contrariados acompanhantes e acrescentava para gáudio geral: - «Isto são eles a reinar. Não querem outra coisa... Vamos a isto! Catrapuz!... «E ficou-lhe a memória e a alcunha. Esta figura castiça, tão perdida pelas elegias e fados desgraçados, como o João FerroVelho que tão poucos citam, bem merecia uma legenda para a posteridade. Mas então!... Do «31» deduzia-se um «fado de sucesso». Mais um jogo de cartas a ponto com zaragata as mais das vezes. Lembrava o «31 de Janeiro» do Porto e bem que a Cidade Invicta merecia um apontamento honesto pelo muito que ama o «fado» sem tempo para o cantar em longos serões, mas muita generosidade e altruísmo para o viver dia-a-dia. A capital do trabalho não dá folga... e, depois, há o cavaquinho, os Zé P'reiras e a riqueza folclórica dos torrões casados com o Douro. Mas se há fado... senhores! que respeito! que efusão! que lágrima grossa de caudatária à saudade e que entendimento.

Também o «31» será, decerto, fim-do-mês, raridade de bolso forrado a papel-moeda, boémia insensata, tarefa completa, e festa por diante. - «À porta da Brasileira, dois tipos encontraram dois...» - Isto para quem quer sarilhos é mesmo um «31».

Pensei em «Os Corvos»... Mas que continuidade de boa expressão se pode dar à saudosa coluna de Leitão de Barros que abria as notícias de «A Cidade» no «Diário de Notícias» com uma crónica de génio, sem se ralar d sujar os pés - da crónica, evidentemente - na prosa seguinte, lacónica e descartável como participação em esquadra de bairro?

«Os Corvos», peça literária de colecção, seguida de um apontamento de um pendura estatelado no Campo das Cebolas, ou nos Mártires da Pátria, um conto do vigário com benzedura de jóias, um canino de estimação que vadiou, um transeunte atingido por um caixote quando se procedia à recolha na carroça camarária.

Agora o «27»...

Talvez seja a memória mais inédita e a que me desperta mais no coração.

O meu avô nasceu em 1893 e, terminados os estudos no Real Colégio Militar, à Luz, teve que tomar conta de umas largas jeiras de semeadura e olival à ilharga de Sacavém. Era a Quinta de São João das Areias, em Camarate e há séculos que vinha de pais para filhos. Desta vez a transmissão fez-se de avós pois ele ficara órfão muito novo.

O solar da quinta era constantemente invadido por grupos de amigos a provar as primícias da lavoura bem orientada e os petiscos da Senhora Maria Carqueja e seu regimento de afilhadas. E o fado e o presunto eram as únicas mordaças para as cantorias daqueles estróinas que, depois de bebidos, eram carregados pela madrugada a recolherem-se à capital. Recordo-me de meu avô me garantir de ter ficado de candeias-às-avessas com alguns por culpa do abegão que por cansaço ou incapacidade não retinha todos os recados e, por vezes, berrava do meio das calçadas apregoando o nome das distintas esposas e pedindo «o favor de descerem a escolher o respectivo consorte». Ora a vizinhança dava conta do escândalo e o casal afinava com a estultícia do servo de não fixar as caras.

E o «27»? Ah! pois, o «27» era um burro branco com malhas enormes negras que mais parecia uma bezerra asseada e servia de montada ao guitarrista Janeiro que lhe aproveitava o compasso certinho e manso para ir compondo, bem confortável sobre a larga albarda, umas variações que eram um luxo. O Janeiro, com o tempo ia ficando meio mouco e tonto e deixava ao «27» a iniciativa de escolher os carreiros. Não só o jumento conhecia os caminhos mas devia saber de «fado» a valer pois era companheiro com paciência de apóstolo para toda a cegarrega que metesse banza. Poucos haveria que soubessem tantas «estórias» como ele... - mas faltou-lhe a voz.

Pois não o acham digno de homenagem, contando em pergaminho seu, algumas memórias?

Bernardino Nunes

AMÁLIA

O HINO QUE NÃO ESQUECE

Uma sociedade sem símbolos é um ajuntamento provisório. Um homem sem amor é uma aberração da natureza. Ao contrário, temos o poder e a motivação. Do conjunto, apura-se a força, a alegria de se envelhecer com dignidade.

Esta coisa de nos resignarmos a ser europeus despojando-nos de hábitos e costumes, levantando-nos noite cerrada porque amanheceu na Áustria, aturando os ritmos que nos fazem modernos e engolindo técnicas além da nossa humilde dimensão, desespera-me. A Comunidade Europeia desfruta-nos na mediocridade das imitações e ignora-nos na nossa autenticidade. Espetamos a cabeça para a fotografia de família como o parente pobre, atento, venerador e muito obrigado que entorna sempre o copo e troca o talher do peixe. Para arrotar a «corvina» empanzinamo-nos com o discurso flatulento da nossa extensão «palopiana»... que é uma treta e corrigimos com doçura os brasileirismos que vêm para ficar como remendos da língua.

E, no canto mais obscuro do Faia, assistindo à assembleia que fundava a Associação Portuguesa dos Amigos do Fado, eu dava contas à vida sobre o magro espólio que nos ia ficando suprimidos os velhos heróis da reconquista ou ocupação à força sem recurso aos Tribunais de Haia, dos navegantes que fizeram tropelias acima e abaixo do equador, riscado o torrão conhecido pela pena das Tordesilhas, dos missionários que o senhor Marquês de Pombal dizia conspiradores, dos regicidas que ainda recebem romagem oficial, de todos os cultos de ódio que encobrem a duvidosa capacidade de nos recriarmos, enfrentarmos e merecermos, finalmente, a devolução do nosso destino.

Já nem terra de promissão necessitamos pois contamos com a Berlenga, Farilhões de boa rocha que não esfarela como as formações eventuais de duna. Basta-nos uma Causa. Uma Causa para entreter até que a caixa se encerre a cobrir estes fedores da natureza. E, então, ouvi uma proposta interessante que apontava a cantadeira, senhora Dona Amália Rodrigues como «primeira sócia honorária» desta recém-nascida tertúlia... - pareceu-me «bem», bastante justa homenagem. Um pedaço de voz que nos sobrava para nos afirmar ainda hoje. Mas houve desacertos, interpretações, observações eruditas... sendo assim, também esta e aquela, e as ofensas, a Dona Maria Teresa de Noronha, a Hermínia, a Maria Victória, o António Fagim e o Alfredo Marceneiro, vai-se a ver o álbum completo. E eu, calado, na minha ignorância destes melindres e pecados a ver se afinava com o meu lugar na forma.

Nem sequer sei porque gosto do Fado. Talvez porque «ele», para mim, é como uma mulher que se ama e acontece uma entrega apaixonada sem lhe querer saber a origem ou a razão. No Fado tenho um símbolo remanescente deste destroçar de nacionalidade, tenho um amor adulto e maduro que me torna humano e diferente ainda. Amália é uma porta-bandeira de todos os romantismos que me cativaram e orientaram mal ou bem a minha vida. Não tenho oportunidade de ter outra. Tal como no Cinema Imperial da Francisco Sanches não há senhas de saída para voltar no dia seguinte a repetir o «duplo» que já havíamos gramado na semana anterior. «Honorária» é Amália por consagração do Governo. «Sócios» somos os que voluntariamente nos confessamos apreciadores de que traz para completa divulgação os belos poemas dos poetas da nossa terra. Aceitasse «ela» ser sócia e muito me honraria tê-la por perto numa festividade qualquer...

Mas desviou-se a conversa para os «pruridos políticos»... que é a nova profissão em que todos se julgam mestres e de olho-vivo.

Contudo, sempre meto a minha colherada, que tenho a quotas em dia.

Tendo ido a um Congresso - daqueles em que se marca presença mais por amabilidade que por currículo - parti à descoberta do país onde o mesmo se realizava.

Assim embarquei no porto de Pireu para uma volta pela ilhas gregas. Aportámos a uma de muitas e o cenário era igual, tal como as atracções. Uma centena de casas, rústicas muito caiadas: um largo principal com umas tantas tascas «restaurante» e vendas de artesanato; peixe frito ou borrego assado a completar o ciclo dos rebanhos dos carneiros das ementas e as redes de pesca a cheirar a sal no fundo dos barcos ancorados.

Resolvi explorar a ilha para o interior e depois de provar as iguarias meti-me a escalar o ingrene caminho de terra batida; em quinze minutos logrei empoleirar-me na crista do outeiro a desfrutar uma vista soberba e deslumbrante.

Aproveitando os recursos naturais também alguém aí tinha montado a sua banca de comer-e-bebes com uma rudimentar esplanada. De súbito apercebi-me que a emprestar mais grandeza ao panorama, nas minhas costas a Amália cantava, saindo-lhe a bela voz da choupana do grego.

Um cortejo de forasteiros havia-me seguido, eram japoneses uns e muitas raças outros; ao todo cinco casais portugueses na excursão. Ali no fim do mundo, encarrapitadonuma falésia inóspita que era berço de gente, depois de milénios em Ciro, Dario, Xerxes e Artaxerxes faziam e desfaziam pátrias, estava eu a julgar o meu tempo e o meu espaço ouvindo a minha língua num fado que poucos entendiam e me sabia a Hino Nacional.

Lá liquidei a dívida da lágrima (que melhor troféu poderia Amália receber?) a confirmar o poema de Pessoa (*quanto do eu sal...*) e descalcei-me com a luz faiscante do Egeu para limpar os olhos.

Tudo farei para que as minhas netas chorem a sua condição pelo notável que encerra. Elevá-las-ei até onde possa e se tiver que sentar alguém à volta da fogueira para ensinar o que há de positivo, hão-de ser *«meninos portugueses»* evitando que os apodem de rascas.

Luis de Castro

AS ALPARGATAS DO IMPÉRIO

Para a disciplina de «fado» qualquer programa de ensino nacional determina duas qualidades de instrução e aprendizagem — a teórica e a prática.

Nas aulas de investigação pedagógica é elementar o conhecimento de vários escritos e estudos que constem de buscas exaustivas pelas bibliotecas poupadas aos vandalismos, aos incêndios, à traça, à inquisição e ao desleixo de nos ignorarmos.

A bibliografia recomendada tem vindo a ser tenuemente acrescentada mas os pontos de origem, os envangelhos profanos são a «História do Fado», já reeditada e ao alcance de toda a curiosidade, em que o autor, Pinto de Carvalho, que usa um anagrama pitoresco de Tinop, estampa crónicas do fim do século passado e início destes cem anos desengraçados: «A Triste Canção do Sul», saída do prelo no ano de 1904, de Alberto Pimentel; «Cancioneiro de Músicas Populares», de César das Neves e Gualdino de Campos, onde se dão à estampa «letras» de mais de meia centena de fados anteriores ao ano de 1900; «Ídolos do Fado», por A. Victor Machado, em 1937, um ano depois de surgirem em caderno as conferências de Luis Moita com a designação de «Fado — Canção dos Vencidos», assentos de Teófilo Braga sobre este assunto; «O Fado», de Augusto Cassiano Mascarenhas Barreto; «Lisboa, o Fado e os Fadistas», de Eduardo Sucena, livro recente.

E depois assomam os delatores que provocam a saudável discussão e fazem a «causa»: «O Fado e os Seus Censores», de Avelino de Sousa; «A Mitologia Fadista», de António Osório, que desferem a contestação política e lhe vão denegrindo o género; «Fado: Dança do Brasil, Cantar de Lisboa — O Fim de Um Mito», de José Ramos Tinhorão, curiosidade de 1994. Para tudo isto há resumos, sebentas, cábulas e mexericos.

Depois de escutadas umas tantas conferências de catedrática opinião e dispersa a douta assembleia, tornamo-nos solitários sábios da dúvida e socorrremo-nos do «saudosismo» para citar com erudição o nome completo da Severa e a morada de uns tantos cultistas.

Porém, é nas sessões práticas que o «fado» deixa perceber a sua anatomia e, algumas vezes, em revelação súbita... a «alma».

A origem do «fado» que a tantos preocupa e a outros só intriga, é um enigma secundário que pode depender de vários enunciados.

Precisemos um postulado — «O fado que sentimos hoje e hoje acontece, nasceu hoje». E não nos martirizemos com os cilícios da dúvida, o desnorte dos invisuais.

Se na definição de «fado» incluirmos a guitarra portuguesa, alfaia de altar ou elemento de um «trindade» consagrada, então ambos — o fado e a guitarra — coincidem no momento de se revelarem ao mundo. Di-los-emos gémeos. Na Travessa da Amendoeira, nas cocheiras do Correio-Mor, no adro da Torre dos Clérigos ou num Solar de Vila Real, tanto se nos dá.

Antecedentes? A balada provençal, a xácara, a ladaínha dos velórios, o queixume dos degredados, a riqueza popular das sete sílabas e cadências de adágios a antecipar-se aos clássicos alexandrinos, a vulgarizar as sentenças e a alegrar a comunicação.

A sensibilidade lusitana por raiz, a conformação no tronco que foi capaz de suportar tanta adversidade entre cativeiros e viagens sem regresso, a

natureza temperamental do nosso género de aventureiros, guerreiros e marinheiros de esperança verde como a perene caruma do pinheiro que Dom Diniz afundou no pântano, o fado como flor que não se vê mas inunda o peito de perfume, abre-se em pétalas ao gosto do nosso querer, cintila num colorido único que preserva o sentimento impar do Amor português.

Alguém disse que o «fado»... «E o fado aconteceu... Foi quando havia apenas o infinito ao redor da nau... o Fado nasceu da Saudade, teve por berço a caravela e recebeu baptismo nas raras lágrimas salgadas dos destemidos portugueses das descobertas...

Testemunhas foram a onda branda que marulhva e balançava em cadência o leito de tábua rija, e mais o cordame que a brisa tangia num sussurro melódico de terço rezado às vésperas...». Dizia Fernando Pessoa... «que o fado é poesia ajudada».

Pouco sobra. As jóias dos orientes, foram-se. O Brasil devora-nos a língua e assume a paternidade do nosso último filho, o «fado» dizendo-nos senis e infecundos. O mundo insiste em mover-se e obriga-nos a um doloroso movimento tão perpétuo quanto a nossa raça é imortal... Para que os pés peregrinos se não magoem quedam-se por adereço a guitarra e a viola. São as «alpargatas do Império».

E o Fado geme-lhes nas juntas quando os fantasmas da história deslizam.

Arrastado, dolente, melancólico, nostálgico, saudosista, doentio, tanto importa. Vamos dar voz a este espólio de experiências únicas e usar para cada jornada futura a companhia das «alpargatas do Império».

Posto isto, julgo ter dado uma cutilada no «Nó Górdio»... Talvez não tenha sido o suficiente para consumar a empresa, mas ultrapassemos os mistérios, que deixamos para os estudos de Vilar de Perdizes, e empenhemo-nos a dignificar o FADO que de agora em diante fica definitivamente «nacionalizado, nosso» e apliquemo-nos o mais possível nas aulas práticas, ouvindo o fado, escrevendo poemas para o nosso consolo.

ESTÓRIAS PARA A HISTÓRIA

1. A Jóia do Carlos Velez

Maria Amélia Proença

No ano da graça de 49 ainda a «pena de prisão perpétua da TV» não tinha sido promulgada. Vivia-se um encantamento de que não dávamos conta. Faziam-se visitas ao serão, havia jogos familiares de entretém, transmitiam-se cultos com naturalidade, ia-se ao teatro e, imaginem... faziam-se «cegadas» nos clubes de bairro sempre ao despique com as freguesias vizinhas. Nessa época ensaiou-se a rigor e levou-se à boca de cena num modesto salão, a Sociedade Sol-e-Dó, uma função que os autores intitularam «Do Natal ao Entrudo». Todas as noites se encharcavam lenços na tragédia de faca-e-alguidar e fungava-se tão crepitosamente que o «ponto» se via e desejava para seguir a rigor todo o emocionante libreto.

Ora eu desempenhava com todo o convencimento o papel de uma criancinha doente e frágil que viria a falecer nos braços extremosos do Pai, figura interpretada a rigor pelo Carlos Velez.

Numa das representações, em surdina e por entre dentes, o Carlos Velez segredou-me que «o meu corpito o estava a magoar pois comprimia-lhe o fecho da pulseira chibante contra a carne tenrinha do pulso... de tal forma lhe era insuportável que ameaçava deixar cair sem termos a moribunda...».

Receosa do pior, reagi instantaneamente, dei um grito e ressuscitei saltando para o soalho bem seguro. O inédito desfecho provocou hilaridade geral, algum transtorno ao elenco mas a chegada antecipada do tal «entrudo» que se anunciou nessa gostosa gargalhada.

Quem deixou de usar o luxo da pulseira foi o Carlos Velez que pôs a jóia a bom recato e não mais a exibiu nem nessa «cegada» nem em nenhuma outra em que ambos participámos.

2. «Os Bons Rapazinhos...»

António Rocha

Rompia a madrugada de uma manhã de cariz indeciso, cansada de Inverno mas teimosa em tomar galas de Primavera. Rumávamos, como era tradição ainda em 56, ao Café Beira-Gare onde os«fadistas» se amesendavam em confraternização a contabilizar os troféus da noite, a fazer a crónica da romaria às «capelinhas», regougar das suas tricas e brios e, sobretudo, adiantar um pequeno almoço de bife que era a especialidade da casa. Calhou ir junto com o Paquito, o mais português dos espanhóis que conheço. Francisco Peres de baptismo em terras de Galiza, mestre na viola e companheiro durante muitos anos de Jaime Santos.

Saltando do crepúsculo para a luz plena do recinto, deparei com o Alfredo Marceneiro a quem nunca fora apresentado. Confidenciei esse meu desejo de conhecer o «divino» ao Paquito e ele, usando a sua natural elegância e gentileza, logo se prestou a favorecer-me. Acercou-se e cumprindo as pragmáticas sociais apresentou-me como cantador de fado com futuro.

Sem qualquer exuberância, para não acrescentar que «impávido», o mestre disse, após os cumprimentos, que «já me tinha ouvido no Retiro Andaluz e que por sinal tinha gostado e eu não cantava nada mal...».

O Paquito receou o meu desconsolo perante opinião tão evasiva e entendeu que a sua opinião poderia valer por «recomendação» sem se atrever a abordar o meu estilar ou timbre característico. «Sabe que o António além de cantar afinado é igualmente um bom rapazinho...».

Marceneiro piscou os olhos impaciente com o atributo que me era louvado e, pegando no copo onde bebera o café, comentou mordazmente:

— «Pois é. Estamos na época dos bons rapazinhos... Aparece cá um gajo que faz este copo bem feito, mas como é mau, é feio, correm com ele... Aparece outro que faz esta merda toda torta, mas como é bom rapazinho...!».

E assim fiquei a saber que o Tio Alfredo — como mais tarde lhe viriam a chamar — cozia as opiniões em lume brando e não gostava que lhe acrescentassem garavetos à boca do forno. «Ser bom rapazinho», no seu entendimento, até poderia ser um defeito.

Talvez tivesse razão. Por isso me esforcei por estar no fado à sua maneira sendo, na interpretação, o fiel do poeta. Escolho é os poemas.

3. «À Vontade do Amâncio...»

Rui Forjaz

A Câmara Municipal de Lisboa adquiriu há muitos anos para expor no seu Museu da Cidade um célebre quadro do pintor José Malhoa que, por todo o seu realismo cru, cromática perfeita, elementos de composição, mensagem transbordante,

▶▶▶▶

Alfredo Marceneiro faleceu pelas 7 da manhã do dia 26 de Junho de 1982, contava 91 anos.

O seu corpo esteve em câmara ardente, na Igreja de Santa Isabel, sendo aposto na urna a Bandeira Nacional e a Bandeira da Cidade de Lisboa, por iniciativa do então presidente da edilidade engº Kruz Abecassis, e ainda uma guarda de honra permanente pelos Soldados da Paz do Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa.

O Padre designado para fazer as exéquias do funeral de Alfredo Marceneiro, não conhecia a sua obra, mas impressionado com os milhares de pessoas presentes no velório, quis documentar-se sobre a sua figura, levou a noite a escutar o José Pracana, que tão eloquentemente lhe falou do seu querido amigo «Ti Alfredo», que no dia do funeral o Padre ao dizer a Missa de Corpo Presente, ele próprio com as lágrimas nos olhos, enalteceu a sua imagem de Lisboeta

Vítor Duarte

FADO CUF

e amante da sua freguesia, e a todos surpreendeu quando recitou os versos que Marceneiro tantas vezes cantou:

Que Deus me dê a graça, a alegria
Na vida tão cheiinha de desgosto
A vir morrer na minha freguesia
Como um soldado morre no seu posto

Até na morte Alfredo Marceneiro era o Fado. Cumpriu-se o desejo que explicitava nos versos escritos pelo Poeta Armando Neves.

É de realçar que não havendo espaço no talhão dos artistas no Cemitério dos Prazeres, a Câmara Municipal de Lisboa disponibilizou um gavetão perpétuo, para repouso dos seus restos mortais.

Milhares de pessoas acompanharam o cortejo fúnebre que se efectuou a pé, numa sentida manifestação de pesar até ao Cemitério dos Prazeres, dezenas de Guitarristas com os seus instrumentos executaram durante todo o percurso a sua Marcha em tom dolente e magoado, que mais parecia um choro de guitarras, mas havia uma que entre todas se destacava era a de José Pracana, a lágrimas que lhe corriam no rosto caíam no tampo da sua guitarra como que dando «Alma» ao instrumento.

▶▶▶

humaníssima expressão e tema vernáculo, vale ao artista uma consagração perpétua. Sobretudo se o admirador é «alfacinha» e vibra com as matizes incomensuráveis do fado em todo o seu esplendor «derrotista»... - diria o senhor Luis Moita. Ora, para lá do fundo riquíssimo da tela onde todo o instrumental doméstico tem lugar, existem os dramas da postura e as razões da composição. Conta António Montez num escrito de «A Voz de Portugal» que o primoroso artista das Caldas da Rainhase apaixonou pelos passeios à Mouraria e se aventurava para lá do Arco do Marquês do Alegrete numa ousadia que em tempos saiu cara a muito almocreve. Aí conheceu um fadista que dava por alcunha de «Pintor» de cuja obra nada se sabe, mas dada a confraria, Malhoa, a partir de então apontado como o «Pintor Fino» para evitar confusões, foi apresentado à ralé dos noctumos e acabou por se interessar em imprimir em dimensão adequada uma cena que o impressionava, «O FADO».

O rufião Amâncio - que era dextro de mãos tanto a guitarrear como a manejar uma navalha - acertou-se para «modelo» e, por arrastamento, lá vem a companheira, a «Adelaide da Facada» que apresentava esse «senão» num sulco cicatrizado que exibia no lado esquerdo do rosto bonito. Mal empregado! Por instruções de José Malhoa lá se acomodaram com o equilíbrio que o artista determinava excelentemente mas as «poses» sustinham-se a custo pois o Amâncio era um ciumento dos diabos e, mal o artista arrumava os pincéis, zurzia a pobre e acusava-a de se «entregar» mais que lhe era exigido. Os seis vinténs de prémio iam para amica e algumas vezes era necessário ir levantar os modelos ao Governo Civil.

... E porque a prosa de António Montez relata rigorosamente as andanças deste precioso trabalho, passo a citá-lo na íntegra: «O Fado é uma alegoria pungente; um par amoroso numa atitude aviltante, num interior de lupanar onde não falta o olhar comiserado duma estampa do Senhor dos Passos, com a túnica roxa e a Cruz às costas»...(...)... A certa altura, Malhoa fez descer a alça da camisa da infeliz. O Amâncio, cada vez mais ciumento, não gostou da graça, azedou-se, e de mão no bolso, o ar ameaçador, disse ao Mestre que não era para brincadeiras.Não sabemos o que se passou, mas a verdade é que ao contrário do estudo do Dr. Alberto Rego, a alça subiu para o seu lugar, da mesma forma que a saia branca gomada foi substituída pelo saiote de baeta vermelha.

Findo o quadro, onde não faltam o leque, o mangerico, as bandarilhas e até o espelho partido com uma chinelada da Adelaide, Mestre Malhoa convidou os moradores da Rua do Capelão para irem ver o quadro à Avenida 5 de Outubro. Foi um verdadeiro cortejo de rameiras e fadistas, que Malhoa recebeu com alegria e satisfação. Nessa altura, o Amâncio lembrou o Mestre o quadro que lhe prometera, e passados poucos dias, Malhoa pintava o Amâncio, encostado a uma parede caiada, na qual estava impressa a mão ensanguentada do rufia.

Era um presente do pintor, que assim manifestara desejo de reconciliação com o modelo. O retrato foi visto por entendidos e de tal forma apreciado, que logo apareceram compradores. Demorou a entrega e o Mestre, quando Amâncio lhe pedia informações do trabalho, dizia sempre que lhe faltavam retoques...

Um dia, o Amâncio desconfiou e com receio de perder a oportunidade de ganhar algum dinheiro com a venda do quadro, intimou o Mestre a entregar-lhe o retrato, ameaçando-o se tal não fizesse.

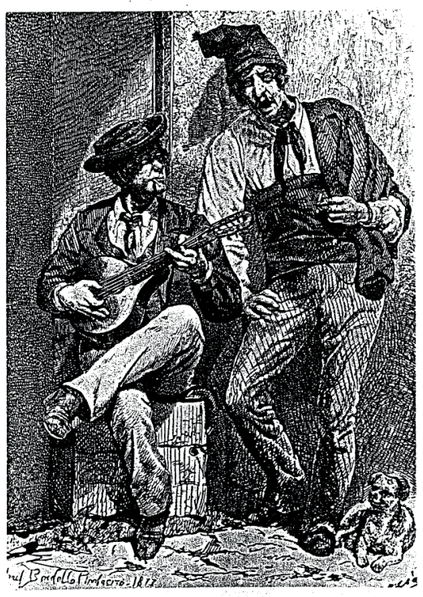
E o que é certo é que, no mesmo dia, o retrato de Amâncio foi solenemente colocado na alcova da Rua do Capelão para, dois dias depois, ser vendido por bom preço...

Caprichos do Fado!

O FATUM DA GUITARRA PORTUGUESA

José Lúcio Ribeiro de Almeida

musicólogo



Chamava-se D. Antónia Magdalena ilustre Senhora de Tavarede e foi a digna dama do século XVIII a quem o Mestre de Capela do Porto, António da Silva Leite, dedicou um Método onde se expunha o meio mais fácil para tocar o grande instrumento do ambiente nobre português.

Da colecção de músicas a aprender, na primeira parte do método existiam minuetes, marchas, allegros, contra-danças e outras peças de danças de salão. Este Método que custava 1200 réis foi posto à venda em Lisboa no dia 15 de Março de 1796. Esta data simboliza a nacionalização de um instrumento inglês chamado «sistre» a quem Silva Leite chamou Guitarra Portuguesa.

Era um instrumento cortesão e não tocava Fado. A Guitarra de Silva Leite tinha 10 cordas; afinava das cordas finas para as mais grossas em Sol, Mi, Dó, Sol, Mi, Dó.

As quatro primeiras ordens eram de cordas dobradas e as duas últimas bordões singelos. Utilizava um sistema de afinação por chave de relógio e só tinha 12 trastos.

Foi longo o percursoda Guitarra de Silva Leite até aos nossos dias. Chamo-lhe o «Fado da Guitarra». Proponho que a Associação Portuguesa dos Amigos do Fado lhe preste uma significativa homenagem uma vez que dentro de um ano a nossa Guitarra Portuguesa faz 200 anos.

△ ◇ △ ◇ Associação Portuguesa dos Amigos do Fado

SUPLEMENTO

ROTA DO FADO DE LISBOA

alfama
Parreirinha d'Alfama
Taverna do Embuçado
Clube de Fado João da Praça
Taverna DEI Rei

bairro alto
Adega Machado
Adega Mesquita
Arcadas do Faia
Luso
Severa
Lisboa À Noite
Forcado
Nônô
Viela
Canto do Camões

lapa
Senhor Vinho
S. Caetano

alcântara
Timpanas

ajuda
Solar do Fado

publicação APAF com a coordenação de francisco de almeida, luis de castro e rui forjaz

Após escassos quatro meses de existência já foi possível desenvolver algumas actividades. Assim, com a participação de alguns sócios fundadores, estivemos presente na Rádio Renascença, Rádio Voz de Lisboa, Rádio Comercial, para além de várias Rádios Locais.

A 9 de Novembro de 1994, e a convite da Associação dos Antigos Alunos do Liceu Camões, a propósito da comemoração do 83º aniversário daquela instituição de ensino, efectuada no restaurante Timpanas, a APAF deu a sua colaboração com a actuação de alguns artistas nossos associados.

A 11 de Janeiro, o dr Lopes Vitor, poeta e presidente da nossa Assembleia Geral, foi convidado pela Academia da Guitarra Portuguesa e do Fado para apresentação de uma palestra, subordinada ao tema Como Nasce Uma Cantiga, que foi ilustrado musicalmente pela guitarra e a voz de Jorge Silva e a viola de Luis Duarte. Dentro do protocolo de colaboração com a Academia, a nossa Associação fez-se representar por um grupo de sócios que integrava alguns artistas que encerraram o convívio com a sua actuação.

Dia 28, no Clube Artes 50, durante um jantar de convívio, o dr Luis de Castro fez uma pequena palestra sobre a Origem da Guitarra Portuguesa, e as principais diferenças entre as guitarras do Porto, de Coimbra e de Lisboa, dando alguns tópicos sobre as origens do fado a fechar a actuação de alguns dos nossos associados.

Por último e não menos importante, impunha-se uma palavra a propósito da apresentação deste número zero. Uma publicação que se deseja periódica, passível de ajustamentos, que passaria a contar com a colaboração dos amigos do fado e empresários, sem os quais este projecto não será viável. Embora em execução artesanal, contamos com a vossa perspicácia para que a ideia do produto final não seja desvirtuado...

AGRADECIMENTOS

a Arlete Pereira, Fernando de Almeida, Lenita Gentil, António Ramos, Rui Forjaz, dr Bernardino Nunes, José Lúcio, Vítor Costa e Francisco de Almeida, assim como toda a Comunicação Social, que muito tem ajudado na divulgação da nossa Associação

SUPLEMENTO

VENHA DESCOBRIR A

VIDA E OBRA DE AMÁLIA RODRIGUES

ATRAVÉS DE 8 SALAS TEMÁTICAS, REPLETAS DE TECNOLOGIA DE PONTA, DESDE HOLOGRAMAS A REALIDADE VIRTUAL

COMPRE JÁ O SEU BILHETE EM

AH-AMALIA.PT

LISBOA

PROMOTOR: SP ENTERTAINMENT · GA GÉNIOS ACLAMADOS

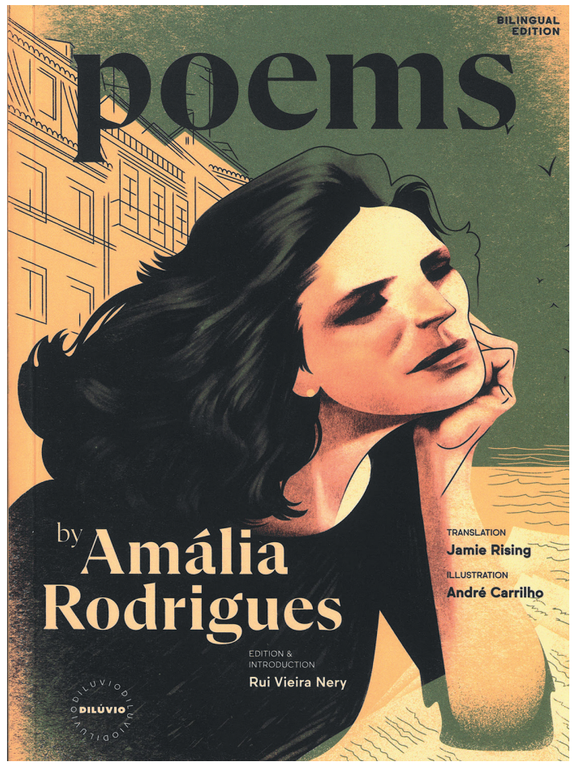
EM PARCERIA COM:

PARCEIROS MEDIA: SIC · Renascença · SICmulher

SIGA-NOS | FOLLOW US

Amália

Amália é sinónimo de liberdade. Uma mulher que seguia a sua intuição, que criava nos seus moldes, com medo, mas nunca esquecendo a sua essência. Uma humanista que defendia a sua verdade e a verdade dos outros.
Voz, atriz e poetisa, que se tornou numa artista completa. Irreverente, lutou, sem ambições de lutar. Deu as coordenadas para que outras mulheres e homens seguissem o seu caminho, sem medos, pois ela dissipou-os antes.
Ao falar de Amália é inegável falar da sua liberdade, mas também da sua relação profunda com Portugal. Na sua voz, «Pátria» e «Povo» ganharam uma nova dimensão, deu-nos mundo e futuro. Um coração independente que não deixa margem para ser conectado a reduções e estereótipos porque Amália foi o que mais universal aconteceu ao Portugal do século XX.
Amália deixou a todos os portugueses um enorme legado, que a Fundação pretende manter vivo e dá-lo a conhecer a todos , especialmente às gerações mais jovens.
Uma figura intemporal e multifacetada, com uma presença relevante na poesia, na moda, no teatro e no cinema. Cantou poetas dos séculos XII e XIII (canta D. Dinis), Camões, os poetas contemporâneos, Manuel Alegre, Alexandre O'Neil , Ary dos Santos , José Régio, Pedro Homem de Melo, e poesia da sua própria autoria.Percorreu dezenas de países com a sua voz e, através das suas canções, levou a identidade e a cultura portuguesa a todo o Mundo.



Fundação Amália Rodrigues

A Fundação Amália Rodrigues, instituída por testamento, em 1997, e fundada a 10 de Dezembro de 1999,é uma instituição cultural e social. Amália deixou escrito em testamento a vontade de instituir uma Fundação com o seu nome que tinha como fins não só criar um Museu "Amália Rodrigues" como apoiar a Casa do Artista e o Centro Social e Cultural do Brejão.
Até aos dias de hoje, a Fundação tem preservado e estudado todo o património que ficou ao seu cuidado, assumindo um claro compromisso de honrar a vontade da sua Fundadora.
Um dos seus principais esforços tem sido o trabalho contínuo de tratamento, inventariação e conservação das inúmeras peças que fazem parte deste legado. Recentemente, foi realizada uma importante obra de requalificação no sótão da Casa-Museu, que permitirá um acondicionamento mais adequado do espólio de Amália.
Além deste trabalho de conservação, a Fundação tem também investido na aproximação de Amália às novas gerações. Um dos projetos,ainda em fase de realização, mais relevantes neste sentido é o apoio a professores do Ensino Básico e Secundário no desenvolvimento de atividades pedagógicas que permitem aos alunos aprofundar o conhecimento sobre Amália Rodrigues. A Fundação considera essencial continuar a apresentar Amália, a personalidade portuguesa do século XX com maior projeção mundial, aos mais jovens, para que conheçam não só a sua música, mas também a sua história e o seu papel na cultura e identidade portuguesa.
Este compromisso com a preservação do passado e a sua projeção no futuro reflete a missão central da Fundação: manter vivo o legado de Amália, tanto no plano material como no impacto cultural e social que continua a ter.
Outro foco importante do nosso trabalho são as parcerias que se têm realizado com instituições públicas e privadas. Essas colaborações têm sido fundamentais para que a Fundação possa não só honrar a vontade de Amália, mas também homenageá-la através de diversos projetos significativos.

Conhecer Amália

Para quem quer conhecer profundamente Amália Rodrigues,existem dois polos fundamentais em Lisboa que proporcionam uma verdadeira imersão na vida e obra da maior diva da música portuguesa.

O primeiro é a **Casa-Museu Amália Rodrigues**, na Rua de São Bento nº193, aberta a todos que queiram descobrir e sentir a essência de Amália. Localizada num edifício setecentista que une a tradição ao contemporâneo, esta foi a casa de Amália durante 44 anos e permanece tal como ela a deixou.
Ao visitá-la, somos transportados para o universo pessoal e artístico desta mulher irreverente, que conquistou os maiores palcos internacionais e o coração de Portugal. As visitas guiadas são um convite para reviver as memórias e a vida desta figura única, tornando-nos seus convidados, pois a Casa-Museu é verdadeiramente a casa de todos os portugueses. (foto2)

O segundo polo é a **Ah, Amália – Living Experience em Marvila**, uma experiência imersiva e inovadora que resulta da parceria entre a Fundação Amália Rodrigues e a SP Entertainment. A experiência imersiva leva os visitantes a mergulharem no universo de Amália através de uma interação virtual que reforça a sua intemporalidade.
Composta por 8 salas distribuídas num espaço de 700m2, a experiência inclui realidade virtual, videomapping em 360º

(foto2)

e até um concerto de Amália, em holograma à escala real, no icônico Olympia,proporcionando uma viagem inesquecível ao coração e à arte da grande diva.
Este projeto, visa celebrar e apresentar Amália a diferentes públicos, defendendo o seu legado e a missão de ajudar os mais desfavorecidos, conforme o desejo expresso da própria Amália. Parte das receitas obtidas apoia a obra social da Fundação, garantindo a continuidade do seu trabalho de preservação, estudo e divulgação da vida e obra de Amália Rodrigues. (foto3)

(foto3)

Eventos

O ano de 2024 marca os 25 anos do falecimento de Amália e os 25 da Fundação Amália Rodrigues. Para assinalar estas ocasiões, foi preparado um programa de eventos um pouco por todo o País.

Mês de Setembro

· **Dia 6** - Concerto dos Amália Hoje em Tavira.
· **Dia 22** - Espectáculo Amália na América com a Orquestra Sinfónica Portuguesa no CCB.
· **Dia 26 e 27**- O Fabuloso Mundo de Amália uma radionovela concerto teatral, na Biblioteca Orlando Ribeiro.
· **Dia 28** - Programa "Em Casa d'Amália" ao Vivo no Festival Caixa Alfama.

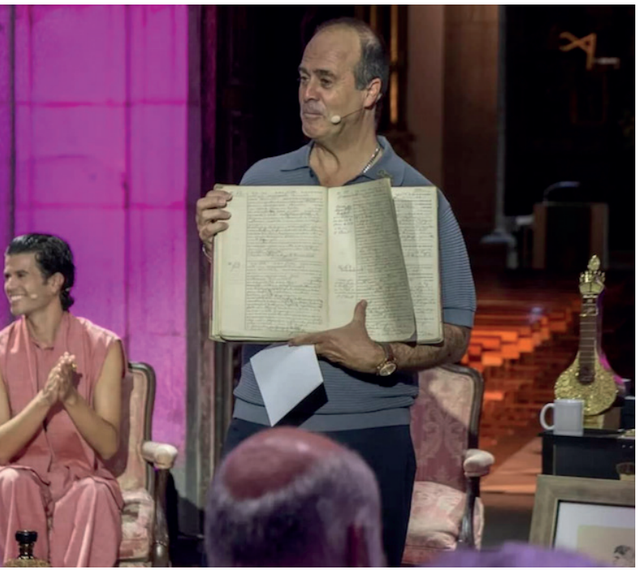
Mês de Outubro

Odemira
· Exibição do documentário Eu Amália, produzido pela RTP e da autoria de Nuno Galopim e Miguel Pimenta no Cine-Teatro de Odemira.
· **Dia 5** - Abertura da Herdade Amália para visitas e uma Missa Campal em homenagem à artista
· **Dia 6** - Transmissão ao vivo do programa da RTP "Em Casa d'Amália", na Herdade Amália.
- Concerto de fado no Centro Social e Cultural do Brejão

Lisboa
· **Dia 5** - A Garrafeira Imperial acolhe AMÁLIAS 100, uma homenagem a sete mulheres produtoras de vinho de várias regiões do país.
· **Dia 6** - Marvila receberá o evento *Ah Amália*, recepção para personalidades políticas e culturais.
· O Teatro Experimental de Cascais apresentará uma exposição fotográfica de M. Luísa Gomes.
· Concerto Amália Sinfónico, com a Orquestra Clássica de Lisboa, no Coliseu dos Recreios.
· **Dia 10** - Concerto Amália Sinfónico, no Casino Estoril.
· **Dia 13** - Debate O Legado de Amália, na livraria StuffOut, com a participação de Manuel Alegre, Camané,P edro Pinheiro Vaz, Vicente Rodrigues e Joana Machado.
· **Dia 17**- Na Casa Museu Amália Rodrigues, A Poesia Subiu ao Povo, um debate sobre a obra e vida de Pedro Homem de Mello, inserido no ciclo *Os poetas que Amália cantou*.
· **De 17 de Outubro a 19 de Dezembro** - Homenagem a Amália pela Embaixada do México, no contexto da exposição que celebra os 160 anos de relações entre Portugal e México, na Torre do Tombo
· Amália Solidária, visita à casa museu de beneficiários de instituições que Amália apoiou em vida: Cruz Vermelha, Liga Portuguesa contra o Cancro, Liga Portuguesa contra a SIDA e Casa do Artista.
· Lançamento de um vinho comemorativo dos 25 anos da Fundação Amália Rodrigues

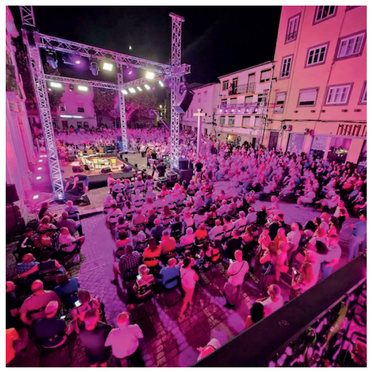
Fundão e Castelo Branco
No mês de Outubro, serão assinados dois protocolos: um com o Instituto Politécnico de Castelo Branco, visando a preservação e divulgação da vida e obra de Amália, e outro com a Câmara Municipal do Fundão, para promover iniciativas relacionadas ao fado e a Amália. No dia 17, o presidente da Fundação Amália Vicente Rodrigues participará na palestra O Legado Intemporal de Amália no Instituto Politécnico de Castelo Branco.

△ ◊ △ ◊ Em Casa de Amália



por Pedro Silveira

No próximo dia 6 de outubro Amália Rodrigues irá completar 25 anos que partiu para a grande viagem. Diariamente, há flores frescas no Panteão, e o Fundão orgulhosamente encheu o adro da Igreja de fundanenses onde foi batizada, em 1921, para participar na gravação "Em Casa d´Amália", tendo sido exibido na RTP, no passado dia 24 de agosto. Amália veio precisamente à sua Casa "materna". Voltou austera, a nossa Diva do Fado, como sempre; quer dizer, a sua memória foi acolhida de braços abertos, com verdade, já que o "povo" nunca a esqueceu, nunca a abandonou, nem antes e nem depois da revolução dos cravos. *Naquele dia, naquela noite seca de verão, a nossa "montanha mágica", a Serra da Gardunha,o Fundão abraçou Amália e chorou de comoção. Deixemos a história acontecer.*



Dessa grande raiz, não podemos deixar de falar da aldeia de Souto da Casa e de Alcaria, de onde vem esse grande tronco, a tal matriz, António Rebordão e Ana do Rosário. Desse matrimónio nasceram dezasseis filhos. Uma dessas filhas era Lucinda Rebordão, que casou com o albicastrense Albertino, pais de Amália. Dessa relação nasceram nove filhos, sendo Amália Rodrigues o quinto filho e a primeira mulher. Devido às dificuldades sentinas na época, os Avós de Amália rumam até Lisboa à procura de melhores condições de vida e os pais da nossa fadista também seguiram o mesmo "sonho", projeto de vida, embora gorado. O Avô de Amália, segundo consta, era empreiteiro e participou na construção da Casa Acastelada do Fundão. O pai de Amália era sapateiro e músico. Ou seja, era tocador de carnotim e não conseguiu fazer sorte na Capital e regressa ao Bairro dos Galegos, Fundão. A menina Amália ficou com os avós, com apenas 14 meses e os restantes irmãos homens voltam à "terrinha" (Vicente, Filipe, José e António). Por cá, Albertino tanto era cobiçado pela «banda nova» como pela «música velha». Curiosamente, tocava de olhos fechados, sentida; esse jeito foi herdado por Amália da Piedade Rodrigues. Da sua mão recebe aquele sentimento triste do cantar dos Martírios da Beiras, que os chegou a interpretar com sua mãe e tias, que nos arrasta para outros lugares, que nos arrasta para esse sentimento melancólico, como se tratasse de um grito de saudade, uma espécie de voz que vem das profundezas da escuridão, os tais "melismas", que a fadista maior apelidou de "rodriguinhos".

Amália Rodrigues é certamente a fadista, a artista portuguesa mais Ibérica da história de Portugal. Um dia revelou: "se eu vivesse na Andaluzia, eu aprenderia a cantar Jondo". O Fado e o Jondo Flamenco entroncam do mesmo poder, bem como no mesmo travessão cultural e musical, devido à presença dos árabes em 700, na Península Ibérica. É como um chamamento; isto é, é preciso entender essa intimidade, a paixão das "cousas" da alma. Enquanto no Fado puxa-nos para baixo, e leva-nos ao caos, à presença d`uma alma espiritual perdida, às vísceras; pelo contrário, o flamenco de Antonia Rodríguez Moreno puxa-nos para cima e apresenta-nos o lado intimista e d´uma certa rebeldia, uma manta de retalhos de vários povos, culturas. Duas Senhoras Ibéricas, Maiores na arte, as "Rodrigues" do Fado e do Flamenco.

Falar de Amália, é falar de poetas e de densidade. Para terminar, no âmbito do nascimento dos 500 Anos de Luís Vaz de Camões (1524-1580?), *podemos afirmar taxativamente que Amália levou os poemas de Camões ao povo, como se se tratasse de um ato de democratização poética que só estava ao alcance de alguns, de classes sociais com formação mais elevada.* Esse feito deve-se a Alain Oulman, que lhe apresentou os poetas portugueses, como Bocage. Significa, que os portugueses cantavam esses poemas e muitas das vezes desconheciam os seus reais autores. Assim se deu a grande revolução do Fado em Portugal, tendo sido criticada por uma certa "burguesia" de Lisboa. Malhoa pintou esses ambientes noturnos, frios, com a conhecida "Mulher da Facada".

Para quem não sabe, o Município de Toronto, no Canadá, proclamou o dia 6 de outubro como: o "Dia de Amália", data que tem a ver com a sua morte, em 1999. Esperamos que no dia 6 de julho, dia do batismo, o Fundão siga o mesmo caminho, exemplo, aclamando esse dia, como o Dia de Amália no nosso Concelho.

18,19,20 OUT
AMÁLIA RODRIGUES
festival Fundão 2024
out 18, 19, 20

Camané
Teresinha Landeiro
Flávia Pereira
Nani Medeiros
Fado & Choro
Custódio Castelo
Ana Paula
Tiago T. Da Silva
Amália & Poesia no fado
Joana Amendoeira
Artistas Fado Cale
Óscar Cardoso
Luthier
José Quaresma
Missa fadista
J.B. De Castilho
Amália "Origem, Raízes e História"
Ah Amália
Living experience
Concurso Amália
Novos Talentos
Grupo coral Soalheira
FEIRA DE INOVAÇÃO AGRÍCOLA
Cuca Roseta
Amália Hoje
Datas extra
11 e 12 out
Entrada livre

PUB

Há valores que nos ligam sempre

Solidariedade, igualdade, liberdade e democracia. Há 183 anos que o Montepio Associação Mutualista constrói relações de confiança com os seus associados, suportadas nestes valores, ligando pessoas e famílias e contribuindo para uma sociedade mais justa e mais solidária.
Juntos, criamos um futuro melhor para todos.

Montepio
Associação Mutualista

Montepio Geral Associação Mutualista . IPSS. DGSS n.º 3/81 . NIPC 500 766 681
Sede: Rua Áurea 219 a 241 . 1100-062 Lisboa